

Paulo Archer de Carvalho, *Uma Autobiografia da Razão. A matriz filosófica da Historiografia da Cultura*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 2015

Uma das principais motivações desta recensão prende-se com o nosso interesse pelas relações entre a História e a Filosofia. Na actualidade, estamos a desenvolver pesquisas sobre Vitorino Magalhães Godinho, que cruzou os saberes referidos na sua dissertação de licenciatura, *Razão e História* (1940). Alguns autores seguiram, de modos diversos, esta conciliação e, em 2015, Paulo Archer de Carvalho fez o mesmo, de uma forma bem distinta do licenciado em Histórico-Filosóficas. O trabalho aqui em análise constitui um contributo para uma convergência entre as duas áreas de saber citadas, mobilizando uma cooperação que Joaquim de Carvalho materializara também.

Paulo Archer de Carvalho é licenciado, mestre e doutor em História Contemporânea pela Universidade de Coimbra, tendo sido também Professor do Ensino Secundário. A poesia constitui uma das suas paixões. A sua escrita neste domínio alberga, possivelmente entre outros, os seguintes títulos: *Submersos* (1978); *L'Ivre*, 1980; *Prisões do deserto* (1981); *Teoria da terra*; *Canções urbanas* (1988). No plano académico, o historiador dedica-se ao cruzamento da História das Ideias com a História da Cultura, destacando-se temas e problemáticas como o Integralismo Lusitano, ao qual dedicou a sua dissertação de Mestrado (1993), intitulada *Nação e nacionalismo: Miteias do Integralismo Lusitano*. Seguiram-se vários estudos no mesmo âmbito, *Memória Mítica da Nação: O caso do Integralismo lusitano* (1994); *De Sardinha a Salazar: O Nacionalismo entre a euforia mítica e a saudável paranóia* (1995); *Oliveira Martins na (re)visão integralista* (1999), entre outros trabalhos. Paulo Archer de Carvalho sempre se preocupou com questões relativas ao ensino e à aprendizagem, preparando, com o seu mestre Fernando Catroga, o manual da disciplina de *Sociedade e Cultura Portuguesas II*, leccionada na Universidade Aberta (dado à estampa em 1995).

Na sua dissertação doutoral, intitulada *Sílvio de Lima: um Místico da Razão Crítica: da incondicionalidade do amor intellectualis* (2010), Paulo Archer de Carvalho voltou a questões do foro universitário, escolhendo estudar um antigo professor da Faculdade onde se formara, devido a essa circunstância, mas sobretudo pela sua importância na cultura portuguesa

Assim se compreende que Paulo Archer de Carvalho possa ter escolhido Joaquim de Carvalho, eventual e parcialmente pelos mesmos motivos, como tema de *Uma Autobiografia da razão*, que resulta de um esforço intelectual no âmbito do seu Pós-Doutoramento. Acresce Joaquim de Carvalho estava bem longe do espectro do Integralismo Lusitano, opondo-se inclusive ao nacionalismo tradicionalista de muitos dos seus membros, preocupando-se, igualmente, com a vertente científica dos Descobrimientos Portugueses, ou com a pesquisa acerca de Alexandre Herculano. Archer de Carvalho também abordou estes temas. A análise de *Autobiografia da Razão* é passível de ser melhor enquadrada, relacionando-a com duas colectâneas de trabalhos do autor, a primeira publicada em 1995, intitulada *Historia Suo tempore. Curtos ensaios sobre Historiografia e Cultura* e a segunda denominada *Inequações do tempo verdadeiro (dispersões sobre o efémero)*, obra dada à estampa em 2006. Na introdução ao primeiro conjunto de textos, Paulo Archer de Carvalho vai mais longe do que Joaquim de Carvalho no que tange ao historicismo, recusando-o e aproximando-se mais de Sílvio de Lima, ao entender a história como uma possibilidade, pertencente ao território do efémero, do provisório e dos sentimentos.

Surgida em 2015, a obra *Uma autobiografia da razão* parece responder a uma conjuntura na qual a possível radicalização de um certo tipo de capitalismo tomara eventualmente a dianteira na política governativa em Portugal, desde 2011. Ainda na colectânea em análise, Archer de Carvalho detalha as críticas à ortodoxia marxista. Do conjunto de textos dados à estampa 2006, destacamos o artigo *Uma arqueologia do conceito de cultura*, no qual o autor estabelece uma estratigrafia do domínio patente no título. Em trabalhos futuros será estimulante aprofundar o modo como Paulo

Archer de Carvalho aplica esta estratigrafia a *Uma autobiografia da razão*, cruzando cultura e ciência. Num contexto ainda algo elitista, Joaquim de Carvalho fizera o mesmo cruzamento há algumas décadas. Não surpreende, portanto, que os dois assuntos figurem como temas centrais em *andamentos* consecutivos da obra em análise.

Uma autobiografia da Razão está dividida em seis capítulos, para além da apresentação (pp.7-9) e da conclusão (pp. 411-423). A introdução, inserida no capítulo inaugural, procura explicar a relevância de Joaquim de Carvalho na Cultura Portuguesa e Europeia. No primeiro *andamento*, o autor debruça-se sobre alguns dados biográficos do mestre coimbrão (13-61), sublinhando, em seguida, a relevância da personalidade estudada na Universidade de Coimbra, mormente desde o início da Primeira República, destacando o seu papel decisivo na crítica aos procedimentos de Leonardo Coimbra na conturbada teia processual que envolveu a criação, em 1919, da Faculdade de Letras do Porto. Para Paulo Archer de Carvalho, o intelectual sobre o qual se debruça na ocasião em consideração era um erudito, que assumia a linhagem e a herança de Alexandre Herculano, configurando um *ethos* alicerçado no rigor da pesquisa e na crítica documental, salvaguardando que, em seu entender, a principal característica de Joaquim de Carvalho no plano intelectual era a *libertas philosophandi*, ideia orientadora da linha argumentativa seguida e repetida nos *andamentos* seguintes.

No segundo capítulo, o autor tenta analisar o *racionalismo* do mestre coimbrão, defendendo a prevalência de um *idealismo crítico* no seu pensamento, parcialmente partilhado, em moldes diversos, por António Sérgio, sem esquecer o essencial substrato conferido pela matriz rankeana e pela absorção da escola metódica francesa, identificando-se Joaquim de Carvalho com a história como *ciência de raciocínios*, propugnada por Langlois e Seignobos. Todavia, não se terá confinado a essa base, considerando-a necessária mas insuficiente (p.63-109).

No terceiro capítulo, Archer de Carvalho dedica-se à epistemologia das ciências sugerindo que o mestre coimbrão lera e assimilara ideias de Bachelard e Piaget. Por outro lado, o autor do estudo em consideração parece defender a perspectiva segundo a qual Joaquim de Carvalho tentou ultrapassar o *Positivismo ortodoxo*, logrando esse intento, mas, prevalecendo a procura de certezas, na esteira de Pierre Duham, condicionada por vicissitudes múltiplas. Contudo, Archer de Carvalho sublinha que o mestre coimbrão cultivou persistentemente uma postura contrária a nacionalismos, sendo, ao invés, um patriota, defensor de cosmopolitismo europeísta (pp. 113-181)

No quarto capítulo de *Uma Autobiografia da Razão*, porventura o mais central da obra, o autor começa por distanciar-se de algumas das configurações da História da Filosofia actual. Archer de Carvalho demarca-se de Pedro Calafate ou António Braz Teixeira. Em seguida, considera que o mestre coimbrão tentara desenvolver uma historiografia cultural de base histórico- filosófica, ampliando a história das ideias, sem ter enveredado pela criação de um sistema filosófico, circunstância que não equivale a negar o cariz filosófico das suas abordagens, assentes no apuramento das condições de historicidade dos eventos, transcendendo-as (pp. 183-268).

No quinto capítulo, Archer de Carvalho salvaguarda a importância da leitura de Joaquim de Carvalho sobre Antero de Quental, parcialmente diferente da interpretação desenvolvida por António Sérgio. O autor de *Autobiografia da Razão* parece próximo do mestre coimbrão nesta matéria. No que respeita à Filosofia da Saudade, Joaquim de Carvalho afastara-se liminarmente de visões essencialistas e espiritualistas, defendendo a historicidade desta matéria e concretizando uma perspectiva fenomenológica (pp. 269-338)

No derradeiro capítulo, Archer de Carvalho sistematiza o percurso político-ideológico do mestre coimbrão, aprofundando algumas ideias defendidas ao longo do estudo, segundo as quais Joaquim de Carvalho era um republicano liberal, defensor da pátria, ao arpejo de nacionalismos,

materializando um cosmopolitismo europeísta, opondo-se, sem militância partidária, mas através da ética aliada à erudição, às crescentes pressões do Estado Novo (pp. 339-410).

Nas *conclusões*, Paulo Archer de Carvalho defende que a personalidade estudada aliou a erudição à problematização e à teorização. Todavia, não conseguiu totalmente uma historiografia unitiva da Cultura Portuguesa, mas deu enormes passos nesse sentido. Na vida cívica, o mestre coimbrão foi muito activo (sobretudo pela via dos seus estudos), sem ter sido um político profissional. Archer de Carvalho termina a investigação dizendo que «(...) O génio é uma questão de paciência (...)» (p. 423).

Não sentimos necessidade de expor uma revisão bibliográfica sobre Joaquim de Carvalho, dado que o autor de *Uma Autobiografia da razão* procedeu a uma inventariação e leitura desses estudos. Em nosso entender, a obra recenseada procura interligar a pesquisa com uma conceptualização sólida, na linha de Fernando Catroga, aproximando-se Archer de Carvalho de De Certeau, Ricoeur. Em jeito de balanço, o livro recenseado desenvolve uma história das ideias e da cultura, tal como Joaquim de Carvalho. Todavia, no autor da obra analisada essa atitude possui um cariz semiótico, parcialmente na linha foucaultiana. Como sugestão para trabalhos futuros, será interessante comparar o percurso e as concepções historiográficas de Paulo Archer de Carvalho com as de Silva Dias, Joel Serrão, Fernando Catroga, confrontando especialmente a visão do primeiro estudioso citado com a de José Esteves Pereira sobre a História das Ideias, demonstrando que se trata de perspectivas hermenêuticas profundamente diferentes, eventualmente opostas, a vários níveis, desde logo no plano ideológico.

Nuno Bessa Moreira
CITCEM